

Economia de R\$ 20 bilhões já é considerada muito otimista

Alta dos juros e queda da arrecadação prejudicam o pacote

19/6

Andréa Dunningham

• O objetivo do Governo de cortar R\$ 20 bilhões com o pacote fiscal lançado na última segunda-feira já está sendo considerado muito otimista pelo mercado. Um dia depois do anúncio das bases do ajuste, muita gente passou o dia refazendo cálculos e as estimativas são de que a economia que resultará desse esforço fiscal será de um mínimo de R\$ 1 bilhão e de um máximo de R\$ 18 bilhões.

São vários os fatores considerados pelos economistas na redução do impacto das medidas. O ex-ministro Maílson da Nóbrega considera, por exemplo, que o Governo pode não conseguir cumprir algumas metas, entre elas a que prevê cortes de gastos das estatais, já vez que não terá condições de controlar orçamento por orçamento. Só nesse item o Governo pretende economizar R\$ 90 milhões com redução de gastos de custeio e pessoal.

— Tem casos em que o Governo decide cortar 50% do pessoal por função. Mas vai ver naquela empresa só tem um operador de guindaste e a meta não consegue ser cumprida. Fora isso há o impacto da perda de arrecadação — diz o ex-ministro.

A queda na arrecadação é uma preocupação generalizada. Como a economia deve crescer menos no ano que vem — cerca de 2% na avaliação de Maílson — o Governo também arrecadará menos impostos, o que prejudica o impacto do pacote.

— Acho que é razoável falar numa economia de R\$ 15 bilhões a R\$ 18 bilhões — diz ele.

Os cálculos do economista

Lauro Faria, da Fundação Getúlio Vargas, são mais pessimistas. Faria avalia que os R\$ 20 bilhões se transformarão em apenas R\$ 7 bilhões, mas ressalta que seus cálculos são baseados em hipóteses, passíveis de mudanças de acordo com os rumos que o Governo irá impor a economia daqui para frente.

São dois os fundamentos de sua análise: o impacto da alta dos juros no serviço da dívida e a queda de arrecadação. A partir de um cenário em que a taxa de juros da economia fique entre 2% e 2,5% ao mês, Faria estima que só de aumento de juros da dívida, o país pagará R\$ 8 bilhões — e com isso, a economia de R\$ 20 bilhões seria reduzida a R\$ 12 bilhões.

Economista da FGV acha que PIB pode decrescer 2% em 98

Quanto à arrecadação, ele calcula uma perda de R\$ 5 bilhões, valor estimado a partir do cenário de desaquecimento esperado para o próximo ano.

— Não vejo muito espaço para o país crescer. Acho que a variação do PIB ficará entre zero e menos 2%. Quem está achando que o pacote é para reduzir o déficit público está enganado. O objetivo é diminuir o poder de compra das pessoas e liberar recursos para as exportações — diz Faria.

Em São Paulo, os consultores da MCM também se reuniram ontem para fazer contas. Ao fim do dia, o analista Ricardo Ribeiro preparou um boletim cheio de considerações. A consultoria estima que a economia efetiva com os cortes será de R\$ 15 bilhões. Segundo Ribeiro, várias metas são difíceis de serem cumpridas.

No item despesas, por exemplo, o Governo espera uma economia de R\$ 580 milhões com a revisão de contratos de serviços. Para a consultoria só conseguirá se economizar a metade disso. Ribeiro considera ainda que parte do aumento obtido pelo Governo com aumento das alíquotas de Imposto de Renda para pessoa física e de Imposto de Produtos Industrializados (IPI) para carros e bebidas será transformado em despesa.

— Como 47% da arrecadação desses impostos vão para os estados e municípios, é difícil isso não virar aumento de gastos num ano eleitoral. E nesses item o Governo espera uma economia de R\$ 2 bilhões. Achamos que só a metade se concretizará — diz.

Fora isso, a consultoria avalia que o Governo deixará de arrecadar R\$ 4 bilhões em impostos por conta da retração da economia (crescimento previsto de 1,5% a 2%) e terá de arcar com uma despesa extra de R\$ 11 bilhões de pagamentos de juros da dívida, pois considera que a taxa anual será de 23,5% em 1998.

— No fim, o ganho seria de apenas R\$ 1 bilhão, mas isso não é ruim. Se não houvesse o pacote, o Governo não teria como compensar esse aumento de juros e a perda de arrecadação — diz ele.

O economista Luiz Roberto Cunha admite que o resultado do corte poderá até ser menor, mas ressalta que há uma série de itens cuja economia não foi quantificada pelo Governo e que pode ajudar a compensar as quedas previstas. Além disso, Cunha acha cedo para fazer projeções sobre o nível de atividade e a taxa de juros que irão vigorar em 1998. ■